

Boa Nova para cada dia / Maio 2015

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

António Santana, s.j. (Domingos)

Tempo Pascal – Ascensão do Senhor / Pentecostes

Tempo Comum – Santíssima Trindade

Sex, 1 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL / 1ª SEXTA-FEIRA

Act 13, 26-33 / Slm 2, 6-7.8-9.10-11 / Jo 14, 1-6

Não se perturbe o vosso coração. (Evangelho)

Isso é que era bom, um coração imperturbável. Mas seria mesmo bom? Seríamos assim uma espécie de múmias ambulantes, uns corpos sem emoções. Não nos esqueçamos que o que nos perturba também é o que nos alegra: o sentimento. O que nós devemos fazer é estar ancorados em Deus para a perturbação não perturbar muito. Deus fica, assim, uma bóia que não nos livra das ondas mas sim do afogamento.

Sáb, 2 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL / 1º SÁBADO

Act 13, 44-52 / Slm 97 (98), 1.2-3ab.3cd-4 / Jo 14, 7-14

... desde agora já O conheceis e já O vistes. (Evangelho)

Já conhecemos o Pai porque já conhecemos a Cristo. E Cristo não pára de nos repetir que é o caminho para o Pai. Aproveitemos esse caminho e aproveitemos o Pai. Nisso, imitemos Jesus, estabelecendo uma relação filial com Ele, uma relação de confiança com Ele. E isso tendo presente que o Pai não quer outra coisa. Que o Pai está sempre à nossa espera. À espera que Lhe abramos os braços, que O façamos entrar nas nossas vidas. Caro leitor, hoje reze ao Pai.

Dom, 3 – DOMINGO V DA PÁSCOA – Ano B / Dia da Mãe

Act 9, 26-31 / Slm 21 (22), 26b-27.28.30.31-32 / 1 Jo 3, 18-24 / Jo 15, 1-8

Em Tempo Pascal, a liturgia da Palavra dá-nos algumas coordenadas do ser cristão. Seguir Jesus Cristo Ressuscitado é fa-

zer a experiência da comunidade que vive a alegria da ressurreição, partilhando a fé em gestos concretos de amor com quem vive ao seu lado.

A leitura dos Actos dos Apóstolos recorda-nos a conversão de S. Paulo na estrada de Damasco. No encontro com o Ressuscitado, a sua vida muda radicalmente. A conversão do coração fá-lo ir ao encontro da primeiríssima comunidade cristã de Jerusalém para se tornar, também ele, num Apóstolo. Ao lermos esta narração, damos conta de que o Cristianismo não é apenas um encontro pessoal com Jesus Cristo; é simultaneamente uma experiência de partilha da fé com a comunidade eclesial e o exercício da caridade fraterna. Neste sentido, Páscoa é tempo de exercitar a pertença à Igreja local, tornando-se elemento construtivo do Reino, na ajuda a quem mais sofre. Só assim se tornam presentes as palavras de S. Lucas sobre a Igreja primitiva: «a Igreja gozava de paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria, edificando-se e vivendo no temor do Senhor e ia crescendo com a assistência do Espírito Santo».

A mesma ideia das características do ser cristão é encontrada na Primeira Epístola de S. João. Ser cristão é acreditar em Je-

sus e amar o próximo como Ele nos amou. Diz o Apóstolo: «não amemos com palavras e com a língua, mas com obras e em verdade. Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas. É este o seu mandamento: acreditar no nome de seu Filho, Jesus Cristo, e amar-nos uns aos outros, como Ele nos mandou». É o amor aos irmãos que identifica o cristão na sua adesão pessoal a Jesus Cristo. Só quem se dá para fora de si próprio, dos seus interesses e das suas preocupações alcança a vida verdadeira e eterna oferecida por Jesus ressuscitado.

No seu Evangelho, o Apóstolo S. João identifica a forma como os cristãos devem viver no meio do mundo. Através da metáfora da videira, dos ramos e dos frutos, Jesus diz que o centro da vida do cristão deve ser Ele: «Eu sou a verdadeira vide e meu Pai é o agricultor. Eu sou a videira, vós sois os ramos. Se alguém permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto». No texto que hoje nos é apresentado, salta à vista a contínua repetição do verbo permanecer como palavra-chave de interpretação da metáfora. «Permanecer em mim» é um convite a que os cristãos mantenham a sua adesão a Je-

sus no modo de agir e a identificação com Ele na comunhão com a Igreja. É preciso manter a ligação à seiva no alimento eucarístico que fortalece a fé dos crentes, que confirma a missão de anunciar a Boa-Nova do Reino de Deus já presente no meio de nós. Então, as nossas vidas darão os frutos da acção do Espírito Santo: no

amor fraterno, no serviço gratuito e generoso, na possibilidade de criar a paz na desordem, na construção de pontes entre relações separadas, na capacidade de perdoar e ser perdoado sem guardar rancor, na confiança em Deus nas tribulações da vida, na serenidade com que se vive uma doença inesperada e muito mais.

Seg, 4 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

Act 14, 5-18 / Slm 113 B (115), 1-2.3-4.15-16 / Jo 14, 21-26

O Espírito Santo (...) vos recordará tudo o que Eu vos disse. (Evangelho)

Tal como o Espírito Santo lembraria aos discípulos o que Jesus lhes disse, também nos lembra a nós o que Jesus nos disse em ocasiões passadas. (Não nos esqueçamos que Ele é luz e sabedoria.) E para que é que isso serve? Para voltarmos a viver aqueles momentos que foram momentos de graça, para os aprofundarmos, para lhes descobrirmos novos sentidos. Hoje, lembremo-nos de alguma graça passada e entreguemo-la nas mãos do Espírito Santo para Ele a desenvolver.

Ter, 5 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

Act 14, 19-28 / Slm 144 (145), 10-11.12-13ab.21 / Jo 14, 27-31

Se me amásseis, ficaríeis contentes por Eu ir para o Pai. (Evangelho)

E para nós também é melhor que Jesus tenha ido para o Pai, porque a sua acção benéfica é infinitamente maior se Ele estiver junto do Pai do que foi na Terra. Na Terra só estava disponível para alguns, poucos, e o seu poder era muito limitado. No Céu está disponível para todos, como que vive dentro das suas palavras, transcende as suas palavras; Ele é a palavra que está viva e que actua dentro de nós se nós a ouvirmos. Alegremo-nos com isso.

Qua, 6 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

Act 15, 1-6 / Slm 121 (122), 1-5 / Jo 15, 1-8

Eu sou a verdadeira vide. (Evangelho)

O Pai é o agricultor e nós somos os ramos. Se Jesus diz que é a verdadeira vide é porque há outras coisas que parecem vides ou que nós consideramos vides. Seja como for, há outras coisas a que corremos o risco de estar ligados. São coisas más que parecem boas. Algumas vezes, são mais atraentes que Jesus. Mas ainda bem que temos a lucidez suficiente para perceber isso, para perceber que a verdadeira vide existe e nós só estamos bem quando estamos ligados e ela. Agradeçamos isso ao agricultor.

Qui, 7 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

Act 15, 7-21 / Slm 95 (96), 1-3.10 / Jo 15, 9-11

... e a vossa alegria seja completa. (Evangelho)

O que será uma alegria completa? Alegria completa é a alegria de Jesus. E como é que podemos ter em nós a alegria de Jesus? Permanecendo no seu amor. E como é que permanecemos no seu amor? Cumprindo os seus mandamentos. Mas como não conseguimos cumprir os seus mandamentos completamente também não temos o seu amor em plenitude. No entanto, caminhamos cada vez mais para essa realidade. Com os altos e baixos que nos são próprios. Peçamos coragem.

Sex, 8 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

Act 15, 22-31 / Slm 56 (57), 8-9.10-11 / Jo 15, 12-17

... fui Eu que vos escolhi e destinei para que vades e deis fruto. (Evangelho)

E assim, não tenhamos medo de pôr os nossos talentos a render. Não tenhamos medo de falhar. Não tenhamos medo de não ser capazes. Não tenhamos medo de não ser dignos. Não nos achemos fracos. Foi Jesus que nos destinou. O nosso trabalho, a nossa missão não foram inventados por nós. Jesus é que pôs o talento dentro de nós e está atrás de nós a empurrar-nos. Deixemo-nos empurrar por Ele e dêmos o peito ao que vem lá.

Sáb, 9 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

Act 16, 1-10 / Slm 99 (100), 2.3.5 / Jo 15, 18-21

Servi o Senhor com alegria. (Salmo)

Podíamos mesmo dizer «servi o Senhor com humor». O humor faz imensa falta, mas nem todos temos grande sentido de humor. Saibamos ao menos rir-nos de nós próprios. Rir-nos de nós próprios é um óptimo sinal de humildade. Só uma pessoa humilde é que é capaz de se rir de si. E rir-nos de nós é uma grande ajuda para a nossa (contínua) conversão. Hoje, o leitor escolha alguma coisa de si para se rir e ria-se à grande com Deus.

Dom, 10 – DOMINGO VI DA PÁSCOA – Ano B

Act 10, 25-26.34-35.44-48 / Slm 97 (98), 1.2-3ab.3cd-4 / 1 Jo 4, 7-10 / Jo 15, 9-17

O Tempo Pascal vai longo e aproxima-se do fim. Neste percurso até ao Pentecostes, a Liturgia da Palavra traz-nos o essencial da fé cristã. Hoje, de forma particular, a Igreja lembra que Deus é amor e que no amor ao próximo se faz a experiência da ressurreição de Cristo.

O livro dos Actos dos Apóstolos traz-nos o encontro de S. Pedro com Cornélio, um centurião romano, piedoso e temente a Deus, que dava largas esmolas ao povo e orava continuamente. Inicialmente, S. Pedro e a comunidade cristã primitiva viam com desconfiança a abertura da fé aos pagãos, longe da história da salvação manifestada ao povo de Israel. Quando visita a casa de Cornélio e se dá

a efusão do Espírito sobre toda a família, o Apóstolo compreende que Deus oferece a salvação sem qualquer excepção de pessoas, povos ou raças. Maravilhado com os frutos da ressurreição de Jesus, baptiza o centurião e afirma: «Na verdade, eu reconheço que Deus não faz acepção de pessoas, mas, em qualquer nação, aquele que O teme e pratica a justiça é-Lhe agradável». O anúncio de Jesus e a sua mensagem de salvação têm de chegar à terra inteira. Para isso, tem de começar pela conversão do lado “pagão” que trazemos dentro de nós, onde mais temos resistência a deixar que entre a graça do Ressuscitado.

O Apóstolo e Evangelista S. João segue a narração da

abertura da fé a Cornélio com a sua Primeira Epístola e com o seu Evangelho. A temática justifica a acção de Deus em benefício de todos os povos: «Deus é amor». E o amor, na sua gratuidade, não tem razões para justificar o querer dar-se em plenitude. «Nisto consiste o amor», diz S. João: «não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados». Tudo parte da iniciativa de Deus de vir ao encontro da humanidade sofredora, fazendo-Se igual a ela excepto no pecado, para a resgatar a partir de dentro.

Como resposta a este amor, o que nos é pedido é para fazermos o mesmo: «Amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Deus é amor». A experiência cristã tem de ter no amor ao próximo o critério do seu agir.

Viver no amor para com Cristo tem de ressoar e ecoar no amor para com quem nos rodeia. Como é que estas palavras se concretizam nas nossas vidas? Como nos identificam no mundo, no ambiente em que vivemos, como cristãos? Ou estaremos ainda muito longe do ideal do bom cristão, pouco sintonizados com os gestos de Jesus? Há que ouvir a sua voz imperativa que diz: «Permaneeci no meu amor. É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei».

Jesus fala ainda, no Evangelho, dos discípulos como “os amigos” escolhidos para colaborarem na sua missão. E conclui: «Disse-vos estas coisas, para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa». Há mais alegria em dar que em receber, em fazer do mundo um lugar onde todos se possam sentir verdadeiramente amados e salvos em Cristo ressuscitado.

Seg, 11 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL

Act 16, 11-15 / Slm 149, 1-2.3-4.5-6a.9b / Jo 15, 26 – 16, 4a

Ele dará testemunho de Mim. (Evangelho)

O Espírito Santo dará testemunho de Cristo dentro de nós. Como? Não dá testemunho do nada. Dá testemunho de alguma coisa, dá testemunho da palavra de Cristo que apreendemos mas que podemos não perceber em profundidade. Então, o Espírito Santo tem uma função clarificadora e enraizadora da palavra

que ouvimos/lemos. Mas, para isso, temos que nos pôr em consonância com Ele, temos que O invocar e esperar que actue. Temos que Lhe ser dóceis. Hoje, peçamos essa docilidade.

Ter, 12 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL

Act 16, 22-34 / Slm 137 (138), 1-2a.2bc-3.7c-8 / Jo 16, 5-11

Quando Ele vier, convencerá o mundo... (Evangelho)

Este «vier» tem dois sentidos: o sentido escatológico, quer dizer, a vinda no «fim dos tempos», e a vinda que nós concretizamos. E como é que concretizamos esta vinda? Através das nossas acções, das nossas atitudes, das nossas palavras, dos nossos pensamentos. Através da relação que vamos construindo com Cristo. Estabelecer Cristo entre nós é uma coisa maravilhosa, é estabelecer o amor universal, uma civilização de paz e de amor. Tentemos com força, rezemos sobre isso.

Qua, 13 – NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (Festa)

Ap 21, 1-5a / Judit 13, 18bcde.19-20a.20c / Jo 19, 25-27

Estavam junto à cruz de Jesus sua Mãe... (Evangelho)

Sua Mãe estava junto à cruz e agora é a cruz que está junto de nós. Com efeito, agora, é aquela cruz que nos conforta porque temos um Deus que passou pela cruz, que conheceu os nossos sofrimentos ou mais ainda. Assim, já não temos a tentação de achar que o nosso Deus Se mantém lá no alto enquanto nós, cá em baixo, sofremos. Não, o nosso Deus quis sofrer connosco e por isso é um amparo para o nosso sofrimento. Aproveitemo-nos disso.

Qui, 14 – S. MATIAS, Apóstolo (Festa) / Rogações

Act 1, 15-17.20-26 / Slm 112 (113), 1-2.3-4.5-6.7-8 / Jo 15, 9-17

É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei. (Evangelho)

Amarmo-nos como Jesus nos ama é completamente impossível. Então porque é que Jesus nos diz coisas destas? Para nos fazer querer sempre mais. Pôr-Se a Si próprio como o nosso ideal é dar-nos um ideal, naturalmente inatingível, mas que nos permite

progredir infinitamente, tal como o ideal é infinito. Caminhemos para esse ideal, caminhemos para o amor aos outros como Jesus nos amou.

Sex, 15 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL

Act 18, 9-18 / Slm 46 (47), 2-3.4-5.6-7 / Jo 16, 20-23

Depois que deu à luz um filho, já não se lembra do sofrimento... (Evangelho)

É sempre bom lembrarmo-nos disto se estamos a fazer algum esforço pelo Reino. E com certeza estamos. Amando, estamos a fazer um esforço pelo Reino, porque amar envolve esforço. Pode ser um amor que implique fazermos o nosso dever, pode ser um amor a nós, um amor a Deus, um amor ao outro. Seja como for, envolve esforço. E é esse esforço que devemos fazer com os olhos nas alegrias futuras. Alegrias que o Reino traz.

Sáb, 16 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL

Act 18, 23-28 / Slm 46 (47), 2-3.8-9.10 / Jo 16, 23b-28

Pedi e recebereis. (Evangelho)

Devemos pedir para a nossa alegria ser completa. E a nossa alegria será “completa” quando os nossos pedidos coincidirem com os desejos do Pai. É uma sintonia que se vai adquirindo na relação com o Pai, na conquista de uma sensibilidade que nos vai aproximando do Pai cada vez mais. Temos que ir crescendo nessa empatia. Peçamo-la ao Pai.

Dom, 17 – ASCENSÃO DO SENHOR (Solenidade) – Ano B **Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social**

Actos 1, 1-11 / Slm 46 (47), 2-3.6-9 / Ef 1, 17-23 / Mc 16, 15-20

Aproximando-se o final do Tempo Pascal, a Igreja convida-nos hoje a celebrar a Solenidade da Ascensão do Senhor. Na despedida terrena de Jesus, é dada aos discípulos a missão

de continuarem no mundo a obra começada pelo Mestre.

A primeira leitura traz-nos o início do livro dos Actos dos Apóstolos. Depois de se recordar brevemente a actividade

apostólica de Jesus, é narrado o momento da Ascensão aos Céus. Jesus consola os seus discípulos, no momento da despedida, com a esperança de não os deixar sós. «Um dia em que estava com eles à mesa» (nota-se aqui o contexto eucarístico) diz-lhes: «recebereis a força do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e na Samaria e até aos confins da terra». Estamos a assistir aos primeiros passos da vida da Igreja, que nasce na esperança da assistência do Espírito Santo, guia e força no caminho a percorrer. Tudo acontece à mesa, na fracção do Pão, onde se abre uma nova etapa da história da salvação: a missão de anunciar a boa-nova do Reino de Deus já presente entre os homens. Em que medida a Eucaristia nos confirma a missão de testemunharmos Cristo Ressuscitado no mundo em que vivemos? Que importância tem este Sacramento no fortalecer a fé?

O Evangelho de S. Marcos segue a mesma linha dos Actos dos Apóstolos. Jesus aparece aos Doze e diz-lhes: «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura». No último encontro com o Ressusci-

tado, conclui o Evangelista que «Eles partiram a pregar por toda a parte e o Senhor cooperava com eles, confirmando a sua palavra com os milagres que a acompanhavam». É definida a missão dos discípulos no momento em que Jesus regressa definitivamente ao encontro do Pai: ir por toda a parte, sem fazer acepção de pessoas, de raças, de culturas e de grupos sociais. Ninguém deve ficar de fora deste anúncio. Também é dito que os crentes serão assistidos por sinais da presença do Ressuscitado, que acompanharão aqueles que acreditarem e se comprometerem na missão universal da Igreja. Os discípulos partem agora ao encontro do mundo com confiança e cada um de nós é herdeiro desta missão. Como é que hoje a podemos concretizar? A comunidade cristã deve ir ao encontro dos excluídos da sociedade, daqueles que vivem mais sós e abandonados. Deve ser ponte que reconcilia relações desfeitas, que traz a paz aos corações feridos, que une culturas diferentes, que é voz profética no anúncio da presença de Jesus entre os homens. O projecto de salvação que Jesus veio trazer continua, agora, nas mãos da Igreja, animada pelo Espírito.

Para cumprirmos a nossa missão, peçamos, com a Carta aos Efésios, a graça de um espírito de sabedoria e de luz para conhecermos plenamente o mistério de Deus em nós, para que Ele ilumine os olhos

do nosso coração, para compreendermos a esperança a que fomos chamados. Cristo, «Cabeça de toda a Igreja, que é o seu Corpo», não nos faltará nos momentos decisivos.

Seg, 18 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

Act 19, 1-8 / Slm 67 (68), 2-3.4-5ac.6-7ab / Jo 16, 29-33

Eu não estou só, porque o Pai está Comigo. (Evangelho)

É bom termos a consciência de que nunca estamos sós. O Pai está conosco. E o que é que isto nos traz? Podia dizer várias coisas ao leitor, mas o leitor veja o que é que a companhia do Pai lhe traz. Compare situações em que se sente com o Pai ou sem o Pai. Ou, se não tem relação com o Pai, pense porquê e veja se não quererá ter. Converse com o Pai sobre isso.

Ter, 19 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

Act 20, 17-27 / Slm 67 (68), 10-11.20-21 / Jo 17, 1-11

Glorifica o teu Filho, para que o teu Filho Te glorifique. (Evangelho)

E o que é a glória de Deus? É a glória da cruz, que foi a passagem para a ressurreição. As nossas glórias têm que servir o amor a Deus e às vezes são a cruz. E é a isso que, em linguagem divina – a única que nos interessa –, se chama glória. É uma inversão tão grande dos nossos valores normais que temos que treinar para ela. E rezar para que consigamos assimilar essa inversão de valores...

Qua, 20 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

Act 20, 28-38 / Slm 67 (68), 29-30.33-35a.35b-36c / Jo 17, 11b-19

Guardai-os e nenhum deles se perdeu. (Evangelho)

É uma frase muito bonita e muito consoladora. Jesus não perdeu nenhum dos seus discípulos e não perde nenhum de nós. Igualmente, não deixa que nenhum de nós se perca. Podemos ter essa certeza e, de certa forma, descansar nela. Descansar no

sentido de não ficarmos ansiosos com a nossa salvação. Não para cruzarmos os braços. Temos que fazer a nossa parte. E qual é a parte do leitor para hoje?

Qui, 21 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

Act 22, 30; 23, 6-11 / Slm 15 (16), 1-2a.5.7-8.9-10.11 / Jo 17, 20-26

... *para que eles sejam todos um. (Evangelho)*

Por um lado, temos divisões e dissensões, zangas e ódios. Paz podre e indiferenças. Por outro, fazemos coisas em comum, concretizamos projectos extraordinários. Está nas nossas mãos ir construindo a unidade aos poucos para termos um só coração, como Jesus e o Pai. Esta unidade só atingirá a sua plenitude no Céu, mas já começa (e faz um grande caminho) aqui. Rezemos por ela.

Sex, 22 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

Act 25, 13b-21 / Slm 102 (103), 1-2.11-12.19-20ab / Jo 21, 15-19

Amas-Me tu mais do que estes? (Evangelho)

Qual seria o sentido da pergunta de Jesus? Jesus pergunta-lhe isto no contexto mais geral de Pedro ser a pedra sobre a qual se edificará o edifício, e de ser aquele que apascentará as ovelhas. Para isso, tem que amar mais do que os outros. Se com Pedro isto se passa a nível institucional, conosco passa-se a nível pessoal. Todos temos que amar «mais que os outros», porque todos somos pedras fundamentais e todos temos ovelhas para apascentar. Hoje, o leitor reze por elas.

Sáb, 23 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

Act 28, 16-20.30-31 / Slm 10 (11), 4.5.7 / Jo 21, 20-25

... *viu que o seguia o discípulo predilecto de Jesus. (Evangelho)*

Parece que na terra Jesus tinha predilectos. Mas no Céu todos somos predilectos, porque cada um de nós recebe Deus completamente, à medida da sua capacidade. E aqui na terra todos temos que dar à medida da nossa capacidade. Capacidade que se vai desembrulhando à medida do nosso andar e das

solicitações que vão surgindo. O leitor pense nas de ontem e como lhes correspondeu.

Dom, 24 – PENTECOSTES (Solenidade) – Ano B

Act 2, 1-11 / Slm 103 (104), 1ab.24ac.29bc-30.31.34 / Gal 5, 16-25 / Jo 15, 26-27; 16, 12-15

Encerramos o Tempo Pascal com a Solenidade do Pentecostes. Passaram os cinquenta dias festivos do anúncio da ressurreição, recordaram-se os grandes momentos do nascimento da Igreja e do anúncio da Boa-Nova. Agora é tempo de celebrar o envio do Espírito Santo, que vem animar a Igreja no cumprimento da sua missão.

O Livro dos Actos dos Apóstolos traz-nos a narração do envio e da manifestação do Espírito Santo. Estando os discípulos reunidos no cenáculo, «fez-se ouvir, vindo do Céu, um rumor semelhante a uma rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam». Como «línguas de fogo», ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar várias línguas. Uma narração semelhante, com alguns matizes diferentes, é ainda descrita no Evangelho de S. João: no «primeiro dia da semana» (aqui nasce o Domingo), estando os discípulos fechados no cenáculo com medo de serem presos, são surpreendidos com a presença do Res-

suscitado. Jesus diz-lhes «a paz esteja convosco» e, de seguida, soprando sobre eles, acrescenta: «Recebei o Espírito Santo».

“Espírito”, do grego “pneuma”, evoca o hebraico “Ruah”, sempre associado ao sopro e à respiração. É com um sopro que Adão recebe a vida; é com o mesmo sopro de Jesus que a Igreja ganha vida e os discípulos se renovam e se recriam interiormente. Os primeiros companheiros de Jesus recebem agora a graça dos dons do Espírito Santo e comecem a anunciar ao mundo, já sem medo, a vinda definitiva do Messias esperado. Nas línguas de fogo e nos diversos idiomas que começam a falar está representada a certeza de que a vida de Jesus pode ser entendida por todos os povos, de todos os tempos, de todas as raças e culturas. Também nós fazemos parte deste povo escolhido! Como recebemos e acolhemos a mensagem da Boa-Nova? Como a transmitimos com o exemplo das nossas vidas?

S. Paulo, na carta que escreve à comunidade cristã da Galá-

cia, recorda os frutos do Espírito Santo: «caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, temperança». Ao percorrer este elenco de palavras, vale a pena meditar na forma como a nossa vida é capaz de dar frutos semelhantes. Se, de alguma forma, ainda nos sentimos longe destes sentimentos, é porque ainda não deixamos que o Espírito Santo actue verdadeiramente em nós. Ao evocarmos o seu envio sobre a comunidade cristã primitiva, tomamos consciência desta Presença actuante em toda a história da Igreja.

Ainda hoje somos fortalecidos pelo mesmo Espírito, somos constantemente renovados a partir da vida do Ressuscitado. É pelo poder do Espírito Santo que se conhece o sentido das Escrituras, que se fortalece a relação com Deus na oração, que se recebe o ânimo para testemunhar uma vida cristã séria e comprometida até nas adversidades do mundo, que se é capaz de amar como Jesus amou. É ainda pelo mesmo Espírito que cada um participa na Igreja com os seus carismas, os seus dons e talentos e que, ao serviço da Comunidade, fortalece o inteiro Corpo Místico de Cristo.

Seg, 25 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM

Sir 17, 20-28 / Slm 31 (32), 1-2.5.6.7 / Mc 10, 17-27

Os discípulos ficaram admirados com estas palavras. (Evangelho)

A admiração é uma coisa boa. E pode ser a génese de muitas conversões ou de muitos saltos qualitativos. Porque a admiração pode levar a uma reflexão mais profunda que também toque o coração, que por sua vez toque a vontade. Rezemos hoje para não perdermos o sentido da admiração, a frescura da captação da novidade, a capacidade de extrairmos coisas novas da palavra de Deus.

Ter, 26 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM

Sir 35, 1-15 / Slm 49 (50), 5-8.14.23 / Mc 10, 28-31

Todo aquele que tiver deixado (...) receberá cem vezes mais. (Evangelho)

Deixarmos coisas ou pessoas ou situações, por Deus, pode custar-nos muito mas esse não pode ser o sentimento definitivo. Se

assim for, alguma coisa está mal, porque a relação com Deus é sempre consoladora, se bem que possa não o ser a nível sensível. Mas do ponto de vista espiritual, no mais fundo de nós mesmos, é consoladora. Se nos sentimos destruídos é porque há qualquer coisa que não é Deus aí pelo meio. Quando foi a última vez que surgiu na sua vida uma escolha por Deus e como é que reagiu?

Qua, 27 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM

Sir 36, 1-2a.5-6.13-19 / Slm 78 (79), 8.9.11.13 / Mc 10, 32-45

... um à tua direita e o outro à tua esquerda. (Evangelho)

Tiago e João estavam tão obcecados com aquela ideia de ser grandes que nem tinham tempo para grandes tristezas pela morte de que Jesus tinha acabado de falar. Saltaram logo do momento presente para a outra vida, para a glória de Jesus, em que queriam nada mais nada menos do que os lugares principais. A ganância não lhes permitiu ver o que tinham à frente. Quantas vezes não passamos nós por cima do nosso próximo, na pressa de chegar a algum sítio?

Qui, 28 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM

Sir 42, 15-26 / Slm 32 (33), 2-9 / Mc 10, 46-52

Jesus, filho de David, tem piedade de mim. (Evangelho)

Também nós podíamos gritar uma coisa semelhante do fundo da nossa dor, e também podíamos gritar «Jesus, filho de David, alegra-te comigo». Mas o grito vem mais do coração angustiado do que da grande alegria. O grito de quem chama. O leitor tem alguma coisa por que “gritar”? Faça-o hoje. (Pode não ser da sua vida, mas da vida de alguém que conheça...)

Sex, 29 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM

Sir 44, 1.9-13 / Slm 149, 1-6.9 / Mc 11, 11-26

Observou tudo à sua volta. (Evangelho)

O Evangelho de hoje diz-nos que Jesus «observou tudo à sua volta». Hoje, o leitor também podia ver um Jesus perto de si, a

observar tudo à sua volta, consigo. O leitor experimente andar com Jesus hoje, um Jesus que observa o que faz e com quem o leitor fala. Veja o que acontece. Nas azáfamas do dia, talvez o leitor se esqueça que anda com Jesus. Ponha uns lembretes no telemóvel a dizer: «Jesus está comigo».

Sáb, 30 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM

Sir 51, 17-27 / Slm 18 B (19 B), 8-11 / Mc 11, 27-33

Jesus e os seus discípulos foram de novo a Jerusalém. (Evangelho)

Para os judeus, Jerusalém era (é) um local de peregrinação muito especial. Ir lá «de novo» é uma demonstração da sua piedade. Muitas vezes, vamos a um sítio «de novo» para reviver experiências passadas e também para viver experiências novas. Na oração, este movimento é muito importante. Hoje, o leitor lembre alguma experiência de oração que o tenha marcado e reviva-a, saboreie-a outra vez e talvez também tenha alguma experiência nova com Deus.

Dom, 31 – SANTÍSSIMA TRINDADE (Solenidade) – Ano B

Deut 4, 32-34.39-40 / Slm 32 (33), 4-5.6.9.18.19.20.22 / Rom 8, 14-17 / Mt 28, 16-20

Uma semana depois do Pentecostes, e de regresso ao tempo litúrgico chamado “Comum”, a Igreja celebra neste dia uma outra Solenidade: a Santíssima Trindade. Este é o mistério fundamental da nossa fé: um Deus em três Pessoas.

A revelação de Deus tem acontecido ao longo da história da humanidade. De forma especial, a história da salvação acontece na região de Israel, onde Deus Se manifesta a um povo escolhido. Todo o Antigo Testamento ma-

nifesta o lento processo do desvelar da identidade de Deus Pai e o preparar da vinda do Filho Unigénito, como lemos hoje no Livro do Deuteronómio. Através de Moisés, é dado a conhecer que existe um único Deus criador de todas as coisas: «Considera hoje e medita no teu coração que o Senhor é o único Deus». Daqui se segue a consciência de que tudo, na vida deste povo, deve ser expressão do amor de Deus que quer estabelecer uma relação de amizade com os homens,

que vem para que tenham vida em abundância. Diante destas palavras, somos confrontados com a nossa própria forma de estar no mundo. Deus é um só, mas nós temos a tendência a divinizar muitas outras coisas: a nossa imagem, o nosso bem-estar, a nossa carreira profissional e por aí adiante. Ao mesmo tempo, somos muito exigentes com aqueles que nos rodeiam, sem tomarmos consciência que a exigência deve começar por si mesmo. Pelos profetas, Deus mostra-Se compassivo e misericordioso, lento para a ira, rico em bondade e em fidelidade.

A revelação de Deus culmina com a encarnação do Verbo. Jesus é a Palavra do Pai. Por Jesus, completa-Se a manifestação de Deus. O Evangelho segundo S. Mateus traz-nos a despedida de Jesus, depois da ressurreição, no momento da Ascensão aos Céus. Parte para junto do Pai e deixa aos discípulos uma missão: «Todo o poder Me foi dado no Céu e na terra. Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo o que vos mandei. Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos». Assim, Jesus revela definitivamente as três Pes-

soas da Santíssima Trindade e pede-nos para continuarmos a missão de incorporar a humanidade na comunidade de Deus, através do baptismo, e de anunciar a Boa-Nova a todos os povos da terra. Como cumpro esta missão, no testemunho de uma vida coerente e alicerçada no Evangelho?

Depois da morte e ressurreição de Jesus, dá-se a efusão do Espírito Santo e nasce a Igreja. O Apóstolo S. Paulo é exemplo de um homem transformado e renovado a partir da acção do Espírito Santo no coração dos homens. De perseguidor dos cristãos tornou-se seu aliado, deixou-se converter pelo amor de Deus e assumiu a sua parte na missão de servir Jesus Cristo, guiado pelo Espírito. Como ele, também nós podemos gerar vida de Deus à nossa volta. Podemos ser instrumentos do Pai que cria e recria, de Jesus que salva, do Espírito Santo que santifica. Neste sentido, diz o Apóstolo na Epístola aos Romanos: «Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus». Nele recebemos «o Espírito de adopção filial, pelo qual exclamamos: “Abba, Pai”». E, se «somos filhos, também somos herdeiros, herdeiros de Deus e herdeiros com Cristo».